



POR UM FEMINISMO ESTRATÉGICO: nomadismo identitário na trajetória intelectual de Júlia Lopes de Almeida (1886-1934).

DEIVID APARECIDO COSTRUBA¹

Resumo: Este texto tem o objetivo de sustentar a hipótese de um certo nomadismo identitário na trajetória intelectual de Júlia Lopes de Almeida. O termo, questão principal da problemática da subjetividade/identidade nômade, referendado por Rosi Braidotti e Elisabeth Grosz, traz à luz a percepção de se fazer uma desconstrução pós-moderna do sujeito, ao ressignificar o papel da mulher tradicional, presa a concepção de modelo Universal. Tendo como foco de análise a concepção da experiência, ao entendê-la em uma lógica pós-moderna e compreendendo-a como a inserção do sujeito nas práticas sociais, na imersão do ser no mundo, na sua ação e seus movimentos em uma ordem social múltipla, ressignifica também a identidade. Esta não pode ser apenas um detalhe anatômico, emocional ou funcional, mas um conjunto de experiências que fazem de nós, seres em mutação, marcados por momentos de mutações diversas, agindo a partir de um local de fala ou de um papel sócio-histórico-intelectual específico. Por fim, esta análise via experiência possibilitou identificar três fases que estiveram presentes aleatoriamente na trajetória de Júlia Lopes de Almeida, as quais foram: existência, resistência e subversão.

Introdução

Em pleno século XXI, mesmo após os avanços das chamadas ondas feministas ocorridas anteriormente e que contribuiriam para um novo olhar sobre o papel desempenhado pela mulher, estas não foram suficientes para impedir certos impropérios ditos por alguns representantes do povo na Câmara dos Deputados. Entre eles têm-se Edino Fonseca, Beto Richa, Carlos Apolinário e Jair Bolsonaro. Este último, deputado estadual pelo Partido Progressista/RJ, proferiu um discurso misógino, em dezembro de 2014, à deputada Maria do Rosário, do Partido dos Trabalhadores/RS. Segundo o agressor, sua atitude foi uma resposta ao fato da deputada tê-lo chamado de estuproador tempos atrás. Ao pronunciar “Não estupro você, porque você não merece”, Jair Bolsonaro acreditou que a intimidação e a violência verbal ainda são o melhor caminho para o convívio entre os sexos. Mais do que isso, atualmente ainda se persiste na ideia de que a mulher que luta pela igualdade entre os sexos, em outras palavras, a postulante feminista, é lésbica, histérica e incapaz de ser amada por homens. Em artigo intitulado *FEMINIZAR É PRECISO: Por uma*

cultura filógina, Margareth Rago, indaga o que estas estigmatizações do sexo feminino nos informam sobre o lugar do feminino na nossa cultura.

Essas e tantas outras questões não são novas. As lutas feministas no Brasil datam da segunda metade do século XIX, época que o feminismo era algo incipiente.² No início do século XX, homens e mulheres do período viram acenar, na trilha das reivindicações femininas, à modernização dos costumes, o surgimento de novas formas de sociabilidade, às novas formas de lazer, bem como às novidades relacionadas à moda. As novas discussões feministas não surgiram de repente. Manifestaram-se arraigadas a esses novos moldes do século que se iniciara. As lutas e suas reais intenções foram ensaiadas, pensadas, interiorizadas, exteriorizadas e vieram à baila no debate masculino-feminino no multifacetado início do período republicano.

Mas para aonde aponta uma história dita feminista? Como pensar em uma história feminista objetiva? É premente aqui detectar o processo de diferenciação dos sexos, desmitificar a perenidade do patriarcado, expor a existência de sociedades não patriarcais, onde a genitália não era o eixo das relações sociais para problematizar tais questionamentos (NAVARRO-SWAIN, 2011). Com efeito, Júlia Lopes de Almeida (1886-1934) foi uma das precursoras no Brasil pela emancipação da mulher; pelo direito à educação e por uma vida harmônica entre os sexos. Mas, o fato é que o feminismo do qual Julia Lopes foi tributária estava ligado e interseccionava-se ao trinômio: *emancipação feminina, patriarcado e o papel de uma mulher de elite*. Apesar de viver em um contexto dominado pelo patriarcado, no qual códigos de conduta eram incontestes às mulheres, pode-se entendê-la como uma escritora feminista? A sua maneira, ao reivindicar a emancipação da mulher, no decorrer do tempo, teve destaque no cenário feminista brasileiro? Mas como se deu este processo, já que era oriunda da elite, casada com um intelectual influente ao meio literário? Ao recorrer às palavras de Foucault, é preciso entender as três formas de subjetivação, atribuídas à figura de Júlia Lopes de Almeida³: existir, resistir, subverter.

¹ UNESP (Universidade Estadual Paulista), Doutorando em História Social – Bolsista CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

² Para mais informações sobre o feminismo anterior ao século XX consultar (DE LUCA; 2004).

³ O limite deste texto não se dedicará a solucionar todos os questionamentos, e sim, criar novos problemas a fim de encorajar à pesquisa, relacionadas à tese de doutorado em curso, que se encerrará no ano de 2017.

Por um “feminismo estratégico”: existir, resistir e subverter.

Segundo o dicionário Aurélio, o termo “estratégico” compreende aquilo em que “há ardil, ardiloso, astucioso, manhoso”. Este feminismo ardiloso será o fio condutor da presente análise. Ora, para compreender as três etapas do feminismo de alhures em Júlia Lopes, *a priori*, deve-se entender duas premissas básicas no feminismo atual. Primeira, a discussão em que se insere o feminismo em uma lógica pós-moderna. Segundo, a problemática da identidade/subjetividade nômade referendadas por Rosi Braidotti e Elisabeth Grosz.

Na primeira questão, tratar do feminismo nos dias de hoje é discorrer em um cenário complexo. O que parece como um último modismo, na verdade, é uma notável mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas que distingue o conjunto pós-moderno de pressupostos, experiências e proposições de um período precedente.

Assim a ideia é de fazer uma desconstrução pós-moderna do sujeito, ao destituí-lo da biografia tradicional, ressignificando-a. Libertar as mulheres da figura da Mulher, modelo universal, construído pelos discursos científicos e religiosos, desde o século XIX é, igualmente, se aproximar das inúmeras tentativas de um “devir-mulher”, no sentido deleuziano, mais exatamente de um “devir-nômade”, o que mudaria o horizonte da vida feminina (GROZS, 2002).

Em um segundo momento, a noção de experiência pode ser fecunda. Como demonstrou Tania Swain, em uma lógica pós-moderna ela é concebida como a imersão do sujeito nas práticas sociais, à inserção do ser no mundo, sua ação e seus movimentos em uma ordem social múltipla. Isto significa que a identidade não pode ser por um detalhe anatômico, emocional ou funcional, mas por um conjunto de experiências que fazem de nós

Ademais, algumas das obras da escritora não serão contempladas neste texto, já que a pesquisa nos acervos ainda está sendo desenvolvida.

seres em mutação, marcados por momentos e mutações diversas, agindo, entretanto, a partir de um local de fala, de um papel sócio histórico e individual específico. (NAVARRO-SWAIN, 2002).

Diante disso, se recorrerá da ideia de experiência proposta Rose Braidotti, a fim de entender as transformações de Júlia Lopes de Almeida ao longo de sua trajetória como escritora. Deste modo, as alternâncias identitárias atingem os espaços do imaginário hegemônico quebrando o molde dos papéis e dos corpos, criando outras representações para instituir novos relacionamentos. Como sublinha Braidotti, “deve-se começar deixando livres os espaços de experimentação, ou busca ou transição: tornando-se nômades” (BRAIDOTTI apud SWAIN, 2002).

Antes de investigar o “feminismo estratégico”, cabe mencionar que por meio da análise da escrita de autoria feminina, dá para se entender o processo de criação da diferença entre os sexos. *Foucault* analisou a função do autor como sujeito de sua época. Segundo o francês, a questão da autoria:

[...] pode bem transformar a imagem tradicional que se faz do autor; é a partir de uma nova posição de autor que a recortará, em tudo que poderia ter sido dito, em tudo que se diz todos os dias, a todo instante, o perfil ainda trêmulo de uma obra (FOUCAULT, 1999, p. 29).

Ora, as mulheres recebem de sua época suas condições de produção e a ultrapassam, ao mostrar sua pujança na crítica social, transformando-a por meio de sua escrita e sua existência (NAVARRO-SWAIN, 2011). Além da Júlia Lopes de Almeida quais outras mulheres mereceram estar nos compêndios de literatura ou sobre o feminismo? Outras brasileiras do porte de Nísia Floresta, Maria Lacerda de Moura, Bertha Lutz também completariam estes volumes? O que ou quem define esta qualidade literária ou a inclusão no campo de lutas feministas?

Nesta ótica, antes de dar início às problematizações que este texto tenta sustentar, é imprescindível “des-racionalizar” a ordem dos discursos, das significações e das representações sociais. Por estar atrelada ao discurso patriarcal, a escrita feminina é qualificada enquanto expressão do “natural”. Por isso vê-se o esforço das correntes

feministas em “desnaturalizar” o que está naturalizado. Entende-se assim, o discurso masculino como um referente geral e o feminino como o “diferente”, algo menor.

A infância de Júlia Lopes pode exemplificar esta questão. Oriunda de uma família de elite do Rio de Janeiro, Júlia Lopes de Almeida, desde menina, demonstrou forte inclinação pelas letras. Porém, ao relatar sobre a época em entrevista a João do Rio, lembrou da delação de sua irmã com certo pesar. ”- Papá, a Júlia faz versos! [Ao que Júlia confessa]: (...) tinha uma grande vontade de chorar, de dizer que nunca mais faria essas coisas feias”. (RIO, 1994, pp. 28-37). Pode-se entender um assujeitamento às determinações impostas a uma criança de sexo feminino. Porém, as ressignificações do sentido de “mulher”, que ocorreram na escrita de autoria feminina desde os primeiros embates sobre a conflituosa relação de gênero, fez com que as mulheres modificassem as representações nas quais elas mesmas foram construídas.

Neste horizonte feminista, parte-se do pressuposto que teve três identidades distintas em sua trajetória. A primeira seria da existência, momento em que Júlia Lopes de Almeida adentra ao mundo literário e precisou criar laços para se estabelecer dentro da seara literária masculina. E para isso, assumiu valores patriarcais dominantes para ganhar notoriedade. Na identidade da resistência, apesar de às vezes assumir esses valores, percebeu o mundo a sua volta com o olhar para o feminino. Aproveitou de sua posição de prestígio a fim de clamar pela instrução, bem como pelos direitos inerentes às mulheres. A subversão é o momento em que perturba o *status quo*, sem agredir ao patriarcado. Por meio de seus romances, sinalizou mulheres transbordantes em subjetividades, formando assim, um almanaque de personagens femininas e feministas que ganham crédito perante o público.

Cabe observar, que devido ao fôlego do presente texto, optou-se por analisar pontualmente excertos de algumas obras, quais sejam: *Contos Infantis* (1886), *Livro das Noivas* (1896), *Livro das Donas e Donzelas* (1906) e *Eles e Elas: monólogos e diálogos* (1910). Assim, considera-se aqui que cada uma delas pôde contribuir com as reflexões sobre identidade/subjetividade nômade propostas acima.

Ao retomar a identidade existencial, pode-se concordar com a observação de Artières (1998) da qual escrever é inscrever, é fazer-se existir publicamente, o que no caso das mulheres assume grande importância, já que o anonimato caracterizou a condição

feminina por muitos anos. Júlia Lopes de Almeida escreveu e ao fazer isso, inscreveu-se e passou a existir publicamente. Os passos para esta conquista é o que se verá a seguir.

Identidade da Existência.

Numa passagem muito citada, mas nem por isso menos importante, Simone de Beauvoir afirmou que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Nesse processo de vir-a-ser a questão principal é a de ter a existência real, ao entendê-la como uma fuga da imposição e submissão ao patriarcado.

Nas últimas décadas do século XIX e início do século XX os discursos médicos tiveram um papel significativo na redefinição dos códigos de sexualidade femininos. Baseados em dados biológicos, estes médicos impuseram limites físicos, intelectuais e morais à integração das mulheres na esfera pública. A escritora aqui analisada era de uma família de elite do Rio de Janeiro e casara-se com um escritor que era benquisto no círculo intelectual do período. Isso não bastava. Os códigos de conduta eram severos e a negação desses valores era vista com maus olhos.

Como se sobressair desta imposição às mulheres? Julia resolvera escrever livros que compactuavam com o processo do qual o Brasil passava. Em outras palavras, um gênero novo, livros destinados às crianças, que se propunham a combater o analfabetismo e formar a imagem de um Brasil em pleno processo de modernização. Talvez assim tivesse mais credibilidade aos seus pares. Além dela, outras mulheres se aventuraram por este tipo de literatura: Maria Dulce, em *Historietas para crianças* (1881); Inês Sabino, *Noites Brasileiras* (1897); Zalina Rolim, *Livro das Crianças* (1881) e Francisca Júlia, *O Livro da Infância* (1899).

Não foi à toa que a primeira publicação de peso de Júlia Lopes foi a coletânea escolar *Contos Infantis* (1886). Por decisão da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária da Capital Federal dos Estados-Unidos do Brasil, a coletânea foi aprovada para o uso nas escolas de ensino primário. Tal aprovação exemplifica a observação feita por Lajolo e Zilberman nas quais “escritores e intelectuais dessa época eram extremamente bem relacionados nas esferas governamentais, o que lhes garantia a adoção maciça dos livros

que escrevessem” (1999, p.29). Possivelmente a adesão de *Contos Infantis* na esfera primária de ensino deveu-se à figura de Filinto de Almeida, marido de Júlia Lopes⁴.

Já no início do século XX, registrou-se no Brasil uma nova onda de nacionalização de livros infantis. Diferentemente do que ocorria até o final do século XIX, os livros a partir de então, correspondiam, em sua grande parte, em obras originais, não se tratando de adaptações e traduções de textos estrangeiros.

Em *Contos Infantis* (1886) percebe-se que na fase da existência, Almeida tentou criar laços fortes com seu público, e se utilizou das relações bem consolidadas entre seu marido e a esfera governamental para se estabelecer. Na medida em que ganhou confiança, humanizava as mulheres frente ao patriarcado e iniciou uma nova tarefa: conceber ainda que de forma lenta e gradual a busca pelos seus direitos. É o que se verá a seguir.

Identidade da Resistência.

Segundo o dicionário Aurélio, “resistir” é uma palavra que deriva do latim – *resistere* - e dá a ideia de “oferecer resistência; não ceder”. Mais do que isso, “opor-se, fazer face a um poder superior”. Considerando o sentido do termo, ao se estabelecer em um cenário não afeito às mulheres de aventura, às escritoras (NAVARRO-SWAIN, 2011), Júlia Lopes de Almeida passou então, de maneira gradual e amigável, a exigir aquilo que não era conferido às mulheres: a educação feminina.

⁴ Francisco Filinto de Almeida nasceu na cidade do Porto, em Portugal, no dia 4 de Dezembro de 1857. Desembarcou a 15 de janeiro de 1868 na cidade do Rio Grande, quando tinha dez anos de idade e de lá transferiu-se para o Rio de Janeiro, e aportou na cidade em 17 de abril do mesmo ano. Empregou-se como caixeirinho em uma papelaria. Estreou como literato aos 19 anos, ao escrever o entre ato cômico *Um idioma*, que foi representado em 16 de julho de 1876 no Teatro Vaudeville. É provável que antes houvesse colaborado em jornais e revistas. Em 1887, publicou *Os mosquitos*, monólogo cômico em versos e *Lírica*, composições de 1810 a 1887. Fundou com Valentim de Magalhães o jornal literário *A Semana*, no qual escreveu, de 1886 a 1887, crônicas hebdomadárias, com o pseudônimo de Filindal. Redator de *O Estado de S. Paulo*, de 1889 a 1895. Deputado à Assembléia Legislativa de S. Paulo, de 1892 a 1897. Escreveu, em colaboração com a esposa em folhetins no *Jornal do Comércio*, o romance *A Casa Verde*. Foi considerado brasileiro em virtude da lei da grande naturalização. Esta referiu-se ao procedimento adotado pela Constituição de 1891 (a primeira Constituição da República) que, em seu artigo 64, § 4º estabelecia que seriam considerados “cidadãos brasileiros os estrangeiros que, achando-se no Brazil aos 15 de novembro de 1889, não declararem, dentro de seis meses depois de entrar em vigor a Constituição, o animo de conservar a nacionalidade de origem”. O marido de Júlia Lopes de Almeida foi ainda um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, e ocupou a

Apesar de em muitas vezes Júlia Lopes reafirmar os valores patriarcais, ao escrever os chamados manuais de ciências domésticas, *Livro das Noivas* (1896) e *Livro das Donas e Donzelas* (1906), foram úteis na missão de educar os seus leitores. Tais compêndios surgiram na França, mas cruzaram as fronteiras e chegaram ao Brasil em fins do século XIX.

Esses manuais além de instruir as mulheres dos médios e altos segmentos sociais do período ampliaram seu foco de instrução para fora do círculo familiar. Admiradora confessa de Edgar Quinet, Herbert Spencer e Edmond Demoulin, Júlia Lopes de Almeida utilizou-se do pensamento destes escritores para referendar sua opinião: “Há certos livros de educação e de higiene que acho indispensáveis numa biblioteca de senhoras”. Ainda ao execrar colégios atrofiadores indicou a leitura de Edmond Demoulin:⁵

É um erro pensar que, hoje, o ensino deve ser ministrado como há cinquenta anos e entregar os nossos rapazes aos nossos colégios atrofiadores. Há tempos enviei um livro a minha filha: L'Education nouvelle, de Edmond Demoulin. Pois os meus netos já lucraram alguma coisa com a leitura da mãe. O livro é uma exposição claríssima da Escola moderna, prática, que trata de aperfeiçoar ao mesmo tempo o corpo e o espírito dos rapazes. "L'École doit développer à la fois chez l'enfant la largeur de l'intelligence et la largeur de la poitrine" (ALMEIDA, 1906, p.81-82).

Pode-se perceber, a partir do excerto, que a educação ainda tinha um viés higiênico, enfatizada pela frase em francês “A escola deve desenvolver tanto a inteligência de uma criança como a largura de seu tórax”⁶. Deste modo, apesar de não circunscrever as particularidades do lar, da “casa higienista”, exemplo do *Livro das Noivas* (1896), os conselhos ainda vão em direção à melhor saúde da família, questão levantada pelo *Livro das Donas e Donzelas* (1906).

cadeira de nº3, cujo patrono foi Artur de Oliveira, de quem fora amigo. Filinto morreu em 28 de janeiro de 1945 de insidiosa moléstia na então Capital Federal – RJ.

⁵ Escritor francês conhecido por alguns intelectuais do período. Escreveu *A quoi tient la supériorité des anglo-saxons*, obra em que analisou a excessiva dependência do Estado no que chamou de “Política Alimentária” (CARVALHO, 1990, p.30).

⁶ A tradução é minha.

Ainda que alguns excertos referendassem o código patriarcal, seu núcleo coadunava com uma espécie de tentativa de resistência. Porém, este horizonte ainda não era o suficiente. A subversão dos valores era necessária, contudo, de forma lenta e penetrante.

Identidade Subversiva.

Como já mencionado no presente texto, considera-se o feminismo proposto por Júlia Lopes de Almeida, como “estratégico”. O termo aqui sustentado trata-se da habilidade com que a escritora circulou nos diversos espaços sociais e, neste sentido, produziu uma miríade de textos.

Deste modo, se usará como exemplo a coletânea *Eles e Elas: monólogos e diálogos* (1910), que reuniu algumas crônicas humorísticas que tematizaram o conflituoso relacionamento entre homens e mulheres no Rio de Janeiro do começo do século XX. Nesse o uso da ironia é constante ao se discutir a inversão das relações dos papéis entre homens e mulheres, bem como a traição, o divórcio e os vícios masculinos. Cabe destacar o texto intitulado “Ah! Os senhores feministas!”, no qual um homem narrou a frustração de ao chegar em casa, não ver sua mulher com o jantar pronto.

Ah! Os senhores feministas! Pudesse eu enforcá-los a todos com uma só corda... São as suas teorias desordenadas, subversivas, é a tragédia burlesca das suas justas reivindicações, que tem posto a sociedade neste estado. Pois quando é que se viu nunca uma senhora casada e mãe de filhos, como é a minha, não estar em casa a hora em que o marido entra para o jantar! De mais a mais, nem deixou dito para onde ia. (ALMEIDA, p. 73, 1922d).

Pode-se entender que a obra *Eles e Elas: monólogos e diálogos* aludiu a um momento de inversão dos papéis masculino/feminino e/ou “homem/público” e “mulher/privado” dissonantes com as propostas conservadores de Auguste Comte, que corroborou com o conceito de esferas separadas de atuação para os homens e mulheres (permitindo-se a eles agir no espaço público, enquanto elas deviam se limitar ao círculo

privado) e estabelecendo uma suposta “divisão natural” entre atributos masculinos e femininos⁷.

Diante do exposto, é impossível não avaliar a forma como Júlia Lopes construiu figuras femininas subversivas em *Eles e Elas*. Para o discurso patriarcal, indubitavelmente, suas protagonistas transgressoras. Porém seu prestígio acadêmico e vínculos sociais sustentaram a ira de seus opositores.

Antes de concluir esta análise, cabe mostrar que o trabalho de uma mulher ficcionista não era uma atividade fácil. Para poder tornar-se criadora, a mulher teria de matar o “anjo do lar”. Ironicamente, Virginia Woolf explicara que se tratava do anjo de uma mulher.

Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. Se o almoço era o frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado era ali que ia se sentar – em suma, seu feitio era nunca ter opinião e vontade própria e preferia sempre concordar com a opinião e vontade dos outros. E acima de tudo – nem preciso dizer – ela era pura. Sua pureza era tida como sua maior beleza – enrubescer era seu grande encanto. (WOOLF, p. 11-12, 2013).

Ao mesmo tempo, além de matar o “anjo do lar”, a mulher ficcionista deveria ter “um teto todo seu”. Título do livro de Virginia Woolf, a obra mostra-se aqui importante para concluir a reflexão proposta:

...a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção; e isso, como você irão ver, deixa sem solução grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. (WOOLF, p. 08, 2004).

Percebe-se que Júlia Lopes de Almeida concluiu a tarefa e matou o “anjo do lar”, e, devido a sua posição social, teve um teto todo seu. Desta forma, difundiu um feminismo gradual e penetrante que a elevou a categoria de grandes cronistas de sua época. Ao perfilar no mundo letrado masculino, conseguiu se estabelecer no cânone e adentrar à seleta escrita de autoria feminina na primeira metade do século XX no Brasil.

⁷ Para maiores informações confrontar (DE LUCA, 2004, p.180).

FONTES

- ALMEIDA, Júlia Lopes de Almeida. *Livro das noivas*. 2ªed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1905.
- _____. *Livro das donas e donzelas*. (coletâneas de crônicas). Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1906.
- _____. *Eles e Elas: monólogos e diálogos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1922.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Ana Luísa e MACEDO, Ana Gabriela (orgs.). *Dicionário da Crítica Feminista*. Porto: Edições Apontamento, 2005.
- ARTIÈRE, Phillipe. “Arquivar a própria vida”, *Estudos Históricos*, nº21: Arquivos Pessoais. Rio de Janeiro, Cepdoc/FGV, 1998.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Trad. Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infanto/juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.
- COSTRUBA, Deivid Aparecido. *CONSELHO ÀS MINHAS AMIGAS: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896-1906)*. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista.
- DE LUCA, Leonora. *Amazonas do pensamento: a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp/IFCH, 2004.
- FANINI, Michele Asmar. Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da academia brasileira de Letras. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.14, n.27, p.317-338, 2009.
- FERNANDES, Hercília Maria. *A literatura Infantil através dos tempos*. Apresentado em 29 de Janeiro de 2008. Disponível em: <http://novidadesvelharias-fernandeshercilia.blogspot.com/2008/06/literatura-infantil-atravs-dos-tempos.html>. Acesso: 30 jan. 2015.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FOUCAULT, Michel. “Soberania e Disciplina”. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *A ordem do discurso*. 5ªed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- GROSZ, Elisabeth. *Futuros feministas ou o futuro do pensamento*. *Labrys, estudos feministas*. nº 1-2, jul.-dez. de 2002.
- HAHNER, June. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática. 1999.
- NAVARRO-SWAIN, Tania. A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário. *Textos de História, universidade de Brasília*, v. 8, n.1/2, p. 47-84, 2002.

- _____. História e literatura: mulheres de letras, mulheres de aventura. In: XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura, 2011, Brasília. Palavra e poder, representações literárias. Brasília: unb, 2011. v. 1. Disponível em: <http://www.tanianavarrosain.com.br/brasil/colloque%20cristina.htm>. Acesso 10/01/2015.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1991.
- _____. *Feminizar é preciso: por uma cultura filógena*. São Paulo *Perspec.* [online]. 2001, vol.15, n.3, pp. 53-66.
- _____. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: Costa, Claudia Lima; Schmidt, Simone Pereira. (Org.). *Poéticas e Políticas Feministas*. 01ed. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004, v. 01, p. 31-41.
- _____. *A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.
- RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Depto. Nacional do Livro, 1994.
- ROQUETTE, J. I. *Código do Bom-Tom, ou Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- _____. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2013.